

O HOMEM COMO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES.

Leonardo da Silva pereira

1

Resumo: Este trabalho busca refletir sobre o lugar ocupado por homens enquanto docentes na Educação Infantil e, assim, desmistificar que a docência não é uma atividade de um gênero específico. A estratégia metodológica está baseada na pesquisa em educação de abordagem qualitativa. Optamos como estratégia metodológica o uso de reportagens e questionário semiestruturado. Pretende-se abordar e conhecer as questões de gênero na docência com foco na problematização de homens na docência da Educação Infantil. O preconceito ainda é grande em relação aos professores do gênero masculino, inclusive por marcas culturais. Os homens na docência ainda enfrentam alguns complicadores como a desconfiança familiar tornando-os vítimas de preconceitos e discriminações, inclusive como pedófilos em potencial. Assim, percebe-se o quanto a escola tem dificuldade de enfrentar questões de diversidade inclusive no que tange a gênero e sexualidades. É fundamental o contato dos sujeitos com a pluralidade de gênero desde a mais tenra idade para contribuir na formação e construção de sua identidade, além de aprender a respeitar e conviver com a diversidade. A escola precisa estar preparada para trabalhar com a pluralidade, pois é nela que se encontra o lócus para a valorização das diferenças que nos constituem enquanto sujeitos sociais.

Palavras-chave: Docência; Gênero; Masculinidades.

Introdução

A docência no Brasil é uma profissão que vem sendo exercida predominantemente por mulheres, inclusive na realidade do século XXI. Na modalidade de Educação Infantil esta proporção é desigual se considerarmos a questão entre os sexos. Quanto menor as crianças, mais ausente é a presença de profissionais masculinos no atendimento desta modalidade.

Considerando esta questão, historicamente, vemos que nem sempre foi assim. Com o processo denominado "feminização" do magistério as mulheres "tomaram conta" do fazer docente (LOURO, 1998, 2004, 2009). Na realidade da Educação Básica, os homens são a minoria no quadro de profissionais atuantes. Na modalidade de Educação Infantil esta realidade é visivelmente alarmante. Temos como referência os dados apresentados no Censo do Professor.²

O estranhamento da família e até de muitos profissionais que atuam na Educação Infantil faz com que os homens sejam "obrigados" a provar suas competências e habilidades, algo que não acontece inicialmente com a figura feminina. A ausência de homens na Educação Infantil é uma questão de desprestígio da modalidade ou tem outras questões acerca desta problemática?

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Professor da Rede Municipal de Queimados. (83) 3322.3222

² <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/estudoprofessor.pdf>. Acesso em 30 jun 2016.

Gênero e sexualidade

Pensar questões que envolvam gênero, sexualidade e a diversidade como um todo nas pesquisas educacionais e no chão da escola é sempre uma oportunidade de valorizar o espaço escolar e trazer para o centro das relações educativas o respeito às diferenças nas quais nossa sociedade está mergulhada. É importante salientar que o estudo de gênero na contemporaneidade traz consigo questões sobre homens e mulheres, sexualidades, orientação sexual e identidades de gênero.

O termo gênero começou a ser utilizado por movimentos feministas no século XX a fim de compreender desigualdades estabelecidas entre homens e mulheres, distinguindo a dimensão biológica da dimensão social.

O conceito de gênero é fruto de construções sociais que caracterizam o masculino e o feminino e suas diferenciações, acontecendo através de múltiplas aprendizagens e práticas. É uma construção histórica, social e que resulta de uma cultura que se relaciona com outras abordagens como raça, etnia, sexualidade, classes sociais etc. Butler (2003) aponta que se trata de uma construção que se transformou em normas.

Ao relacionar gênero e docência vemos que historicamente o cuidado com as crianças pequenas era delegado às mulheres. Atualmente, este espaço é compartilhado por homens e mulheres, sendo ainda consenso a enorme presença feminina. Neste sentido, podemos inclusive salientar sobre as desigualdades social e sexual do trabalho que perpassam a relação gênero e docência/homens e mulheres.

A sexualidade é um conceito que têm em sua essência crenças, valores, relações e identidades que são construídas e vivenciadas social e historicamente. Neste sentido, é preciso argumentar e refletir sobre as questões sociais e políticas da sexualidade. Foucault (1993) trata deste conceito denominando "o corpo e seus prazeres", atribuindo uma relação de poder através do sujeito, seu corpo e sua sexualidade, uma vez que o corpo produz sentido.

O estudo da sexualidade vai muito além de questões inatas, de um pertencimento meramente biológico, de questões físicas somente. Existem regras, crenças, saberes e outras concepções que estão ligadas a sexualidade e que contribuem para as apropriações/desapropriações da sociedade quanto à perspectiva dos estudos voltados à sexualidade.

É de suma importância o envolvimento dos docentes com as questões de gênero e sexualidade, pois na escola há um espaço propício para fundamentar nossas reflexões e esse espaço é marcado fortemente de múltiplas concepções, marcado por uma diversidade que contribui para a formação cidadã que permeia a vida em sociedade, embora ainda esteja mergulhada em algumas "verdades hegemônicas".

Segundo Louro (1998), "a instituição escolar é primeiramente masculina e religiosa." (p.94). Neste sentido, o espaço educativo ainda tem um longo caminho a percorrer na busca de soluções para uma sociedade igualitária e que valorize o ser humano em sua essência.

É interessante pensar em masculinidades?

As construções de masculinidades acontecem desde a mais tenra idade, fruto das interações cotidianas. Relacionando-se com sua família, as crianças já são conduzidas socialmente/culturalmente a uma "formação" à sexualidade. Os valores familiares e a educação contribuem para que as crianças recebam noções a partir das quais construirá suas questões, inclusive quanto a sexualidade.

De acordo com Tonucci (2005, p.18) é "preciso dar às crianças condições adequadas, sem pressa, sem controles, sem preocupações, para que possam errar, dizer bobagens, fazer ironias, exatamente como fazemos nós, os adultos". Neste sentido, é importante repensar nossas posturas e práticas no trato com as crianças e principalmente nas concepções que nos cercam e que de certa forma nos mantém presos às demandas socialmente produzidas.

Segundo Costa (1998, p.197), "a masculinidade não pode ser vista como a mera reformulação cultural de um dado natural, uma vez que ela é marcada por assimetrias (como heterossexual/homossexual) e hierarquias (de mais ou menos "masculino)". A construção da masculinidade perpassa por algumas questões apontadas por Badinter ao definir que

Ser homem significa **não ser** feminino, **não ser** homossexual; **não ser** dócil, dependente ou submisso; **não ser** afeminado na aparência física ou nos gestos; **não ter** relações sexuais nem relações muito íntimas com outros homens; **não ser** impotente com as mulheres. (grifos da autora). (BADINTER 1993, p.117)

Assim, o papel desempenhado por homens para afirmar sua masculinidade trazem consigo os elementos apontados pela autora. Badinter, ainda afirma que:

(...) a masculinidade precisa ser construída e conquistada, com intuito de provar que ela não é natural quanto se pretende. (...) a identidade masculina se adquire à custa de grandes sacrifícios, que incluem ritos de passagem, suportando dor e humilhação. (...) a masculinidade define-se principalmente através da afirmação da heterossexualidade, da negação do que é propriamente feminino, da

homofonia e da dominação sobre as mulheres (1998, p.191).

Na realidade escolar, meninos e meninas são controlados/ensinados a fazer o que seria "certo" ou "errado" segundo uma visão imposta pela sociedade, levando em conta as questões relativas ao gênero. De acordo com Sayão, ao relacionar homens e mulheres na docência, inclusive nas séries iniciais, supõe-se que

A concepção comum de masculinidade associa o homem ao “duro”, como viril, fático, energético, ativo, enquanto as mulheres seriam as “moles”, doces, ternas, carinhosas, reforçando, assim, uma compreensão binária acerca dos modos de vida de homens e mulheres. (SAYÃO, 2005, p. 230).

Diante do exposto por Sayão é notório o quanto os homens na docência podem enfrentar alguns entraves. A ausência de homens neste campo de atuação ainda se torna mais complicado por estranhamento e preconceito que perpassam o fazer docente do gênero masculino. Pode-se afirmar a necessidade de reflexões acerca de gênero e masculinidades, tornando necessário pesquisas sobre a temática para que haja uma contribuição para a vida cotidiana nos âmbitos social, cultural e educativo.

Com a palavra os homens que atuam na Educação Infantil

De acordo com Freire (2003), é de suma importância o estudo das vozes no ambiente educativo. Assim, esse estudo se torna essencial para ouvir os docentes, buscar apontamentos e valorizar suas atuações no espaço escolar. As vozes que aqui serão destacadas foram coletadas em entrevista semiestruturada para a realização deste estudo. Para tal, os docentes (homens) que atuam na Educação Infantil participaram deste estudo que aborda o preconceito e estranhamento do homem na figura de docente na Educação Infantil.

“Passei e foi para mim um bote salva-vidas”

Uma das primeiras questões de nossa entrevista tratava do tempo de atuação na docência da Educação Infantil. As respostas oscilaram de 11 meses a 28 anos de atuação. Enquanto alguns estão iniciando no magistério e tendo suas primeiras impressões, outros já atuam por anos na modalidade e trazem consigo experiências ímpares.

O diálogo traz como fruto reflexões que respaldam o fazer pedagógico, tornando-os plurais. De acordo com Freire, “não existe diálogo se não houver um profundo amor ao mundo e aos homens” (FREIRE, 2003, p.79).

Outro ponto importante foi a forma de como os docentes ingressaram na Educação Infantil e o que os motivou.

Luís: *Por interesse próprio após experiência positiva no estágio acadêmico. Os desafios da E.I junto a relação com as crianças pequenas, me despertaram o interesse em estar/trabalhar com elas.*

Vitor: *A princípio, necessidade de trabalho apesar de já trabalhar de forma não profissional com grupos de crianças em creches sociais e grupo de evangelização de pequenos no grupo religioso do qual me integrava. Depois o reencontro com a vocação de professor e a necessidade de manter o sonho e a fantasia juntos ao olhar infantil.*

José: *Estava desempregado e prestei concurso para a gente de educação Infantil da Prefeitura do Rio de Janeiro. Passei e foi para mim um bote salva-vidas.*

Um dos primeiros aspectos que merece destaque é sobre a questão da vocação/profissionalização docente nos debates produzidos ao longo da história da educação nesta dualidade. O processo histórico da atuação docente tem em si marcas destes discursos de vocação/profissionalização, pois nestes há rupturas e discordâncias. Na função docente há seu caráter profissional, mas há também a sua contribuição social. E sobre esse ser professor, acredito ser uma formação constante, pois não se nasce professor.

Um fator importante na vivência escolar é a relação estabelecida entre a comunidade e o espaço educativo. A família tem papel importante na vida educativa das crianças e, neste sentido, é interessante compreender as relações da família e da escola. Em uma de nossas questões da pesquisa, perguntamos como se dá a relação com as famílias das crianças de sua escola.

Luís- *Uma relação saudável; Felizmente não tive problemas com nenhuma família por ser homem. Ao contrário, na reunião do início do ano, ao me apresentar fui bem recepcionado pela família.*

Felipe- *Se dá de forma tranquila e amistosa. A "desconfiança" foi derrubada com os consecutivos anos de trabalho e os resultados dessa experiência.*

Cristiano- *Relativamente boa. É uma relação que é construída gradativamente. A confiança não surge no primeiro contato, como nos casos de docentes mulheres.*

São interessantes as colocações que apareceram na pesquisa. Em algumas respostas é possível deduzir que a família tem papel importante nas relações estabelecidas no ambiente escolar. É importante destacar que ficou evidente que ainda existe muita diferenciação na atuação docente entre homens e mulheres. Na fala de Cristiano esta colocação é exposta claramente, pois as mulheres obtêm confiança simplesmente pelo gênero que pertencem.

É possível que esse debate, num âmbito geral, cause um desconforto para os professores. Muitos preferem apenas contribuir de forma sucinta e positiva esta relação de família/escola a apontar reais questões que são vividas no chão da escola. Pode-se considerar

que há um receio e desconfiança de ambas as partes por diversos fatores que fazem parte do enredo desta temática.

Outra questão importante foi abordada em relação aos colegas de trabalho, ou pares, como aparece no questionário. No geral, todos informaram que há uma relação saudável, de harmonia, onde impera o respeito e a unidade no trabalho educativo. Uma das falas me chamou atenção e tem relevância ao considerar também o que foi exposto na questão familiar.

Como se dá sua relação com seus pares?

Cristiano- *Relativamente boa. Sei que todos confiam no meu trabalho. Mas ser homem é ser visto como um possível pedófilo ou um pedófilo em potencial. Ao mesmo tempo que confiam em mim, nada confiam, e eu menos ainda confio nelas. Por isto, não dou nenhuma oportunidade de se pensar algo sobre mim.*

Apesar de serem frequentes as positivities que cercam os discursos colhidos nos questionários de pesquisa, a fala de Cristiano é o resultado de um olhar, de um problema e de vivências que persistem na Educação Infantil por muito tempo em relação ao homem como docente nesta modalidade. De acordo com Araújo (2009),

Quando pensado de modo mais amplo, o receio do abuso sexual parece estar ligado a ideia de que somente os homens são abusadores em potencial. A figura da professora dificilmente é associada a uma abusadora. Já no caso do professor, além dessa associação, percebe-se o temor de que as crianças estejam em contato com um “afeminado”, seguramente uma má influência para meninos e meninas.” (ARAÚJO 2009, p. 119)

O homem na docência dos pequenos seria, como afirma Cardoso (2004), o "sujeito fora do lugar", ao mencionar o homem na docência do Ensino Fundamental. Porém, é preciso entender que o fazer docente vai além das questões de gênero e sexualidade. É algo pertinente a profissionalização. E todos os profissionais precisam ser qualificados para atuar, sem haver desigualdade social e sexual para o trabalho.

E o tal do estranhamento, acontece?

De acordo com estudos e pesquisas, existe uma desigualdade de gênero ao se pensar na divisão social/sexual do trabalho. Ao questionarmos sobre o sofrimento de algum tipo de discriminação ou preconceito ao atuar na Educação Infantil, e como se deu tal fato, obtivemos algumas respostas como:

Fernando- *Sim; Vários; Tanto dos colegas de trabalho quanto dos pais. Dos colegas: Você não entende de crianças, porque você é homem. E dos pais: Não quero minha filha na sala com este homem.*

Guilherme- *Sim, sofri uma discriminação, com relação a minha*

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

www.ceduce.com.br

presença em turma, por parte de uma avó de uma menina que não queria nem que eu a trocasse, ou seja, me impossibilitando que realizasse a troca de roupas dela.

José- *Sim, o pai de uma criança que levava seu filho todos os dias para creche e que vinha sempre com ele chorando, uma vez parou na porta da sala e disse para mim: "o que você está fazendo com meu filho?" Dando a entender que a criança era maltratada na creche. Esse pai demonstrava seu preconceito e estranhamento porque eu recebia seu filho em sala. Esse dilema mais foi revelado através de outros pais que me contaram que ele maltratava seu filho. Acredito por ser incapaz de tratar seu filho bem ele achava que seu filho não seria bem acolhido e recebido com carinho pelo professor.*

As contribuições elencadas acima nos mostram o quanto o espaço voltado para o atendimento das crianças pequenas segue reproduzindo posturas e atitudes de preconceito e discriminação.

Sobre a fala do professor Guilherme em relação ao cuidar na Educação Infantil, a contribuição de Sayão é muito pertinente ao apontar que

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de idéias que vêm a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. Dado que, historicamente, e como uma continuação da maternidade, os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos. (SAYÃO 2005, p.16)

Ainda de acordo com Sayão (2005), há um número insuficiente de pesquisas voltados para a questão de gênero, uma vez que existe uma naturalização da atuação feminina na docência e que ainda o cuidar e o educar na infância estão relacionados às mulheres/mães.

Ao se abordar sobre possíveis constrangimentos na profissão e algumas causas de incômodos, os pesquisados apontaram fatos que já foram até evidenciados no item destacado acima.

Denis- *O constrangimento acontece quando alguns responsáveis insinuam que eu estou trabalhando no lugar errado. A discriminação traz constrangimento.*

José- *Sim. Lembro que em um dia de trabalho em sala de aula uma mãe, quando veio deixar seu filho na creche, percebeu que eu estava só na sala ela, então esperou chegar a agente com quem eu trabalhava para entregar seu filho, pois ela demonstrou que não estava confiante em deixar seu filho sozinho com o professor.*

Em seguida, perguntamos a opinião dos entrevistados sobre a ausência de homens atuando na Educação Infantil.

Felipe- *Preconceito, discriminação, baixa remuneração e por paradigmas machista.*

José- *Eu acho que o desinteresse de homens pela docência é devido a falta de reconhecimento social da profissão e aos baixos salários na educação infantil e pelo fato de os homens veem o espaço demarcado ainda só para mulheres.*

Luís- *Entendo como uma questão histórica e cultural, na qual muitos ainda entendem a EI como algo maternal (o cuidado e o brincar). Porém há uma geração de novos educadores em que os homens estão se inserindo na EI.*

Pode-se perceber o quanto o espaço na Educação Infantil ainda é demarcado por mulheres nos quais os homens ainda precisam provar que podem ocupar **este** espaço com profissionalismo.

De acordo com reportagem do Diário do Grande ABC, "a presença de educadores homens no primeiro ciclo da Educação Básica é fundamental para que as crianças passem a ter referência masculina em seu dia-a-dia..."³ Segundo o Diário, ainda existe uma disparidade na atuação de homens e mulheres na docência. É interessante na reportagem a contribuição de um educador da rede municipal de Santo André ao apontar que "para as crianças pouco importa se o professor é homem ou mulher". Ele também revela que o preconceito muitas vezes é por parte das famílias das crianças: "eles têm medo que a gente seja bruto com os alunos e tem receio de pedofilia".

Outro ponto do questionário tratava da existência possíveis interrogações/problematizações da identidade e/ou orientação sexual do professor na Educação Infantil.

Fernando- *Sim. A partir de suas convicções religiosas ou padrões morais, os pais expressam o desagrado frente as opções do profissional. Acho que todos temos liberdade para escolher nossas opções sexuais e etc. Resguardando a conduta moral e ética no trabalho.*

Cristiano- *Eu sou hétero, mas por mais que ser ou não ser hétero, para mim, é indispensável pensar o quanto isso influência no trabalho, essa questão é muito incluída na cabeça das colegas de trabalho. Pois, ser homem é considerado uma contradição à educação infantil, e pior, ser homem homossexual é visto como um potencial de pedofilia ainda maior. Eu costumo, de maneira oportuna, discutir esta questão de sexualidade com as crianças, em sala de aula, e noto maior aceitação do tema em relação às meninas e dificuldade um pouco maior com os meninos, mas nada que impossibilite o debate com os meus pequenos.*

José- *Eu acho que essa questão da orientação sexual é muito questionada pelos pais, porque eles se preocupam com o perigo que pode ser para as crianças ficarem com um professor em sala, sem dar a devida importância a sua competência profissional.*

Os inúmeros questionamentos e as possíveis problematizações aparecem para o centro da docência na Educação Infantil possibilitando um diálogo aberto e um esclarecimento da real atuação de professores nesta modalidade.

A família interage e interfere no cotidiano da vida escolar das crianças principalmente na Educação Infantil. Quando o homem está atuando nesta modalidade, esta participação é caracterizada por desconfiança e questionamentos. Porém, como bem colocou Fernando, os docentes devem resguardar a conduta moral e a ética no trabalho.

³Disponível em: <http://www.dgabc.com.br/Noticia/465476/homens-sao-raridade-entre-professores-do-ensino-infantil>. Acesso em 10/04/2016.

A sexualidade do professor da Educação Infantil é colocada em xeque muitas vezes por esse espaço ser predominantemente ocupado por mulheres. Ao encontrar homens educando e cuidando de crianças os pais supõem situações embaraçosas, preconceituosas e que discriminam o profissional que atua neste espaço.

De acordo com Sayão (2005), existe um problema cultural no espaço educativo. A autora cita a necessidade de haver um conhecimento maior da sociedade a respeito das questões de gênero e docência e evidencia que “as interações que meninos e meninas vivenciam com adultos homossexuais, bissexuais, heterossexuais ou com qualquer outra orientação sexual não são determinantes de sua própria orientação”. (SAYÃO 2005, p.259). As questões apresentadas deixaram evidente que não existe diferença na atuação de homens e mulheres na Educação Infantil. A presença do homem na docência em Educação Infantil vem crescendo e continua causando estranheza por questões culturais, porém não impede que ele realize seu trabalho de forma eficaz e profissional.

"Eu escuto muito falar deste assunto": sobre Formação Continuada, Afetividade, Gênero e Sexualidade.

A formação continuada dá sentido e ressignifica o fazer docente, pois a educação visa atender demandas que possibilitam um desenvolvimento plural dos sujeitos que nela se inserem. O papel do professor hoje é, sem dúvida, diversificado. Considerando a importância da formação, perguntamos sobre a participação dos entrevistados, seja na formação inicial ou continuada, sobre gênero e sexualidade.

Fernando- *Sim, mas acho que seria mais relevante se os pais tivessem participação em palestras do tipo.*

Leopoldo- *Não, mas escuto muito falar do assunto.*

É importante que toda comunidade escolar debata e insira em suas reflexões questões como as de gênero e sexualidade. A formação continuada é de extrema importância, uma vez que,

... a formação continuada pode possibilitar a reflexividade e a mudança nas práticas docentes, ajudando os professores a tomarem consciência das suas dificuldades, compreendendo-as e elaborando formas de enfrentá-las. De fato, não basta saber sobre as dificuldades da profissão, é preciso refletir sobre elas e buscar soluções, de preferência, mediante ações coletivas. (2004, p.227)

Neste sentido, é fundamental que todos os membros do espaço educativo estejam inseridos nas buscas para a reflexão coletiva.

Por fim, propomos uma autoavaliação da atuação na docência da educação Infantil.

Vitor- *Atuo de forma eficaz e satisfatória com muita gratificação pessoal. Percebo que a presença do masculino na EI é bem acolhida pelas crianças e necessário ao seu processo de amadurecimento sócio-afetivo dentro do espaço escola.*

Felipe- *Posso dizer que sou um professor em desenvolvimento, pois a formação acadêmica não prepara para alguns enfrentamentos e a experiência do ano anterior pode servir de base, mas que necessariamente não traz as necessidades atuais.*

Diante de tais manifestações, é importante acompanhar o cotidiano dos docentes na escola e ouvir o que dizem esses atores, pois a escola é um espaço diversificado e de muitas manifestações e demonstrações.

Ser professor na atualidade é algo que traz consigo um desprestígio social diante de outras profissões. O próprio tratamento da sociedade é caracterizado por uma enorme desvalorização. Quando comparada com outras funções, é apresentada inclusive como uma categoria inferior.

A escola não pode ser reconhecida como uma instituição falida e muito menos seus profissionais, embora há uma desmotivação tamanha diante da falta de valorização profissional, das péssimas estruturas e de outras mazelas que cercam a esfera educativa.

A sociedade está em constante mudança fruto de uma era tecnológica e de muita informação, logo a escola necessita rever sua postura e sua função social, política e cultural, e assim contribuir para transformações nos valores sociais e integrando a sociedade.

Considerações finais

Em meio a tanta diversidade e múltiplas questões no ambiente educativo, é de suma importância trabalhar no contexto escolar sob as égides da diversidade. A escola é um espaço para tratar de assuntos que nossa sociedade se silencia, pois, com isso, a instituição escolar acaba se tornando opressora e não inclusiva. Por isso, é preciso interagir e incluir os grupos excluídos e suas demandas. O homem na docência de Educação Infantil é um desses grupos.

Ao tratar de gênero, observamos que tal temática tem ocupado enorme espaço em estudos, pesquisas e políticas. Embora o debate sobre gênero tenha ganhado força nos movimentos feministas, este abarca questões de masculinidades e feminilidades, problematizando questões identitárias. As relações de gênero na escola oportunizam a sociedade a enfrentar situações diversas e também problematizar modelos hegemônicos vistos como "padrões" para o ser/estar no mundo contemporâneo.

Sobre sexualidade, trata-se uma construção social que é parte integrante/integral da personalidade humana. Além de se constituir uma necessidade básica entre os sujeitos não ficando restrita somente ao ato sexual (fonte de prazer), mas também ao relacionamento de afetos, sentimentos, o pensar e agir.

No tocante a masculinidades, vemos que esta é cercada por questões "dominadoras", trazendo fronteiras para o debate de gênero. E em relação a masculinidade hegemônica esta se contrapõe a feminilidade. Ao relacionarmos tais fatos com a docência, vemos que o espaço escolar foi ocupado pelas mulheres e que aos poucos os homens adentram neste espaço.

No tocante a pesquisa, a atuação de homens na Educação Infantil é vista com reflexos preconceituosos e de um estranhamento tamanho fruto de uma desigualdade social/sexual do trabalho. É importante o debate e as reflexões diversas no chão da escola.

A pesquisa mostrou que é essencial ouvir os docentes e refletir sobre os espaços e funções que ocupam. Os homens na docência ainda enfrentam alguns complicadores como a desconfiança familiar tornando-os vítimas de preconceitos e discriminações, inclusive como pedófilos em potencial. Foi marcante na pesquisa o quanto eles vivenciam constrangimentos por uma visão cultural de que os homens enquanto docente de crianças estariam fora do seu espaço profissional.

O preconceito ainda é grande, inclusive por marcas culturais, gerando uma maior dificuldade de "aceitação" social. O medo de que seus filhos sofram algum tipo de abuso fica evidente ao ouvir as experiências desses educadores. Numa visão geral, a sociedade considera que a mulher seria a profissional ideal para assumir a docência na Educação Infantil.

Há nas falas questões que deixam claro o preconceito, o estranhamento e a discriminação na atuação de homens na Educação Infantil, porém vemos que há também uma enorme gratificação e realização profissional ao se estabelecer uma interação com as crianças.

Por fim, é preciso diálogo sempre para refletir sobre as situações cotidianas e para se posicionar criticamente no intuito de enfrentar os problemas de nossa sociedade e de nossas escolas. Como canta Raul Seixas "Tente! Levante sua mão sedenta e recomece a andar. Não pense que a cabeça aguenta se você parar. Há uma voz que canta, uma voz que dança, uma voz que gira bailando no ar." Que sejamos vozes para o diálogo em nossa realidade educativa.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Janaína Rodrigues. Relações de gênero na educação infantil: questionamentos acerca da reduzida presença de homens na docência. In TEIXEIRA, Adla Betsaida M. e DUMONT, Adilson. (orgs) **Discutindo relações de gênero na escola: reflexões e propostas para ação docente**. 1. ed. Araraquara/Belo Horizonte: Junqueira Marin, 2009.
- BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Trad. Maria Ignez Duque estrada. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COSTA, Rosely Gomes, In. BESSA, Karla Adriana Martins (orgs.), **Trajectoria do Gênero masculinidades: De clonagens e de paternidades: As encruzilhadas do gênero**. Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP. Campinas - SP: Cadernos Pagu (11) 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática**. Goiânia: Alternativa, 2004.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. Heteronormatividade. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas**. Brasília, DF: MEC; Unesco, 2009. p. 85-93.
- _____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SAFFIOTI, H.I.B. **Rearticulando gênero e classe social**. In: COSTA, A.O. ; BRUSCHINI, C. (Orgs.) Uma Questão de gênero. São Paulo ; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Educação, Florianópolis, 2005.
- TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem: agora chega!** Porto Alegre: Artmed, 2005.